

# Um caminho sem plano



Pedro Crisóstomo

**R**ebeca não sabe onde estará a trabalhar nos próximos anos, quanto mais imaginar-se daqui a uma ou duas décadas. O desabafo é espontâneo; na sua geração, parece quase universal – podia ser a frase de um amigo, de um companheiro de faculdade, de um colega de trabalho.

Rebeca Moore, 28 anos, filha de pais britânicos, nascida em Tábua, a trabalhar a termo incerto num *call center* em Lisboa há um ano e cinco meses. Licenciou-se em Arqueologia na Universidade de Coimbra; fez o mestrado no Porto; na sua área de estudo, só experimentou voluntariado de Verão; seguiram-se cinco anos como professora de Inglês numa escola privada em Coimbra; despediu-se e mudou-se para Lisboa; preparou currículos; no final, só foi chamada por *call centers*.

O seu percurso não faz o retrato de uma geração, mas mimetiza a história de muitos que, como ela, jovens trabalhadores chegados ao mercado laboral há menos de dez anos, seguem caminhos profissionais que pouco têm que ver com o que estudaram ou com aquilo que imaginaram antes da entrada no mundo do trabalho.

No *call center*, Rebeca presta apoio telefónico a clientes do mercado inglês de uma marca de impressoras. Tem um contrato a termo incerto. Não se imagina muito tempo a trabalhar em *call centers*. Não tem como adivinhar o passo seguinte. E esse vazio assusta-a. “Gostava de comprar uma casa, de ter filhos. Não vejo isso como uma grande possibilidade da nossa geração. Crescemos na sombra de que iríamos ter empregos estáveis, fazer um percurso ‘normal’: estudar e arranjar um trabalho que iria ser para a vida. E isso não corresponde de todo à realidade de muitas pessoas. No meu círculo de amigos em Lisboa, devo ter dois ou três com um contrato ‘a sério’, nos quadros da empresa; nos *call centers*, vemos pessoas de 40-50 anos que fizeram outras coisas ao longo da vida.”

Renato Miguel do Carmo, director do Observatório das Desigualdades, vê “um conjunto de processos de precarização do trabalho” a intensificarem-se nalguns sectores e prevê uma mudança “muito profunda do mercado de trabalho nos países desenvolvidos”, se essa tendência perdurar. Embora a precariedade não seja apenas uma realidade dos mais jovens, incide mais nesta franja da população, situa o sociólogo. E precarização significa também “desprotecção social”, alerta o investigador, referindo-se ao risco de os trabalhadores terem carreiras contributivas muito irregulares por haver “uma grande fragmentação e um nível de circulação muito acentuado” associado à rotatividade entre empregos, a casos de emprego-desemprego-emprego e à conciliação do trabalho formal com trabalho informal. Factores que, a prazo, poderão trazer consequências para a própria Segurança Social, um assunto que Renato do Carmo diz ser “muito pouco discutido” em Portugal.

Entre os “jovens da classe média, oriundos de famílias de rendimento intermédio”, identifica o professor do ISCTE-IUL, existe a percepção de que vão viver pior do que os pais e essa perspectiva “rompe com uma narrativa – que nos habituámos a comungar – de que iríamos viver melhor e ter mais oportunidades”. Rebeca apenas dá como certa a incerteza: “Quando olho para o futuro, não sei muito bem o que virá aí.”

## O empregador invisível

Teresa Maneca Lima, socióloga do Centro de Estudos Sociais da Universidade de Coimbra, não acredita que o “movimento de total desregulação ou de total flexibilização” chegue a todas as franjas do mercado de trabalho, mas não tem dúvidas de que “vamos continuar a assistir a processos de trabalho temporário, trabalho independente [recibos verdes], trabalho a tempo parcial” e a situa-



DANIEL BOCHA

**Rebeca Moore é arqueóloga. Trabalha num *call center* a termo incerto há mais de um ano, depois de cinco anos a dar aulas de Inglês**

ções em que “não há sequer um empregador visível”.

Kléber Carneiro, embora de uma outra geração, partilha pontos de contacto. Aterrou em Portugal há apenas 20 dias e trabalha como estafeta nas entregas do Uber Eats há uma semana. Aos 39 anos decidiu emigrar, deixando para trás 19 anos de trabalho como cabeleireiro na cidade brasileira de Osasco, em São Paulo. A mulher ficou. Quer abrir o seu salão em Lisboa, mas, por ora, trabalha na entrega de refeições.

Para si, a relação clássica trabalhador-empregador não é de todo uma realidade. Kléber não mede as horas de mochila às costas. “Se me dispuser a trabalhar 12 horas por dia, trabalho”, conta, sentado numa mota em frente ao Atrium Saldanha, enquanto espera uma notificação no telemóvel para fazer mais uma entrega. Quando abrir o cabeleireiro, quer continuar como estafeta. “Se trabalhar de manhã no salão, posso trabalhar à noite na Uber Eats; se trabalhar à tarde no salão, posso ligar o aplicativo de manhã.” Diz que o faz por opção e, para si, fazê-lo sete dias por semana, sem folgas semanais, não é um problema. “Mais importante é aquilo que quero conquistar: quero ter uma casa, alguma coisa minha.”

## Uma vida na empresa

É um mundo em transformação que impõe ao próprio direito do trabalho um desafio: como proteger determinados trabalhadores quando não existe sequer um empregador? Não é um desafio para amanhã, mas para hoje, pois essas rápidas mudanças não estão a ser acompanhadas “ao mesmo ritmo pelo direito do trabalho”, vinca Maneca Lima.

No pólo oposto está Luís Rosa Santos, engenheiro electrotécnico, de 65 anos, quase a despedir-se do mercado de trabalho. O seu caminho marca um contraponto com os percursos irregulares de muitos da geração de *millennials*. Fez praticamente toda a vida profissional na EDP: entrou em 1980 para a antiga Companhia Nacional de Electricidade, esteve uns anos na Marconi e regressou. É do tempo em que a empresa “funcionava como uma empresa para a vida – as pessoas entravam, faziam a sua carreira e iam progredindo lentamente”. Foi assim com Luís, ele que acompanha os tempos e, agora na pré-reforma, sabe como o mundo do trabalho se transformou. Aos que agora começam, deixa uma palavra de confiança: “Não devem ter medo da mudança. Vejam a mudança como uma forma de estar. Esse é um trunfo bom.”

#emprego

Jovens dos 25 aos 34 anos

Quanto ganham os trabalhadores jovens?



FONTE: INE

## #conselhosomeude30anos António-Pedro Vasconcelos Cineasta



Vivi até aos 35 anos sem liberdade, num país asfixiante. Mas a nossa geração tinha uma coisa preciosa: tínhamos curiosidade – uma insaciável vontade de aprender com os mestres do romance, do cinema e da pintura, com os Beatles, mas também com o Mozart e o Miles Davis; sobretudo, não desistíamos de lutar, porque tínhamos na pele a memória do que havia sido a perda da liberdade e o colapso da democracia! E isso dava-nos força! Depois do horror da guerra e das ditaduras, tínhamos sobretudo aquilo que é hoje vedado aos jovens: a esperança de que o futuro só podia ser melhor!